

Memórias de um etnólogo

Entrevista com Júlio César Melatti

Entrevistadores: Gostaríamos que você fizesse um relato de suas memórias sobre a sua participação no Harvard Central Brazil Research Project (HCBP), falando sobre sua escolha em pesquisar os Krahô, sobre as relações que se davam dentro do grupo de pesquisadores, e sobre como eram os debates entre seus membros.

Julio Cezar Melatti: Eu não escolhi pesquisar os Krahô. Eu estava fazendo o “Curso de Especialização em Antropologia Cultural” no Museu Nacional, oferecido por Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria, de um ano completo (de 01/03/1961 a 28/02/1962), sem interrupção de férias. Meus colegas eram Marcos Magalhães Rubinger e Maria Andréia Loyola. O programa previa um treinamento em pesquisa de campo. Meu treinamento de campo foi acompanhar Roberto DaMatta aos Gaviões do Pará, como seu auxiliar de pesquisa (do início de agosto ao início de novembro de 1961). Rubinger foi como auxiliar de Roque Laraia aos Suruí do Pará. Maria Andréia auxiliou Alcida Ramos na pesquisa com poveiros³ na Ponta do Caju, no Rio de Janeiro. Matta, Roque e Alcida tinham sido alunos de curso semelhante dado por Roberto Cardoso, só que de Antropologia Social (distinção importante na época) no ano anterior. Ao terminarem o curso, Matta e Roque foram incorporados nos quadros do Museu Nacional, como interinos e, mais tarde, efetivos. Alcida, por ser portuguesa, não pôde ingressar no quadro, e, por isso, ficou como monitora do curso que eu fiz. O treinamento de campo de Matta, Roque e Alcida tinha sido acompanhar Roberto Cardoso para pesquisar entre os Terena, moradores das cidades de Campo Grande, Miranda e Aquidauana (junto com outros colegas de curso: Edson Diniz, Hortência Caminha e Onídia Benvenuti), cujos resultados integraram a tese de doutorado de Cardoso (1968).

Pois bem, ao retornar dos Gaviões, fui informado de que eu deveria fazer pesquisa entre os Krahô. Essa pesquisa fazia parte de dois projetos: “Estudo de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil” e “Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil”, ambos coordenados por Roberto Cardoso. Matta ainda foi mais uma vez aos Gaviões, mas depois

3 Natural, relativo ou pertencente à região de Póvoa, em Portugal.

passou a pesquisar entre os Apinajé, conforme os projetos de Cardoso. Em 1962, Cardoso ainda deu mais uma vez o curso de especialização. Desta vez, os alunos foram Sílvio Coelho dos Santos, Cecília Helm e Stela Amorim. Sílvio e Cecília acompanharam Cardoso na sua segunda etapa de pesquisa junto aos Ticuna.

Em 1962, também começa o *Harvard Central Brazil Research Project*, sob a direção de David Maybury-Lewis, absorvendo aquelas pesquisas do “Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil” que se referiam aos povos falantes de línguas Jê. Por isso, Roberto da Matta e eu fomos somados aos alunos de Harvard que estavam chegando ao Brasil. Terence Turner e Joan Bamberger (que eram casados) chegaram primeiro. Depois vieram Jean Carter (futura Lave) e Dolores Newton. E, então, chegou Jon Christopher Crocker. Veio ainda mais um pesquisador, cujo nome esqueci, para estudar os Nambiquara, mas que desistiu depois da primeira etapa de pesquisa. No Rio de Janeiro, conversávamos com esses alunos de Harvard, mas não me lembro de qualquer reunião formal com eles. Houve reuniões com relatos de pesquisa em Harvard (1966), Oxford (1968), e mais uma a que não compareci.

Como eram os debates? Aproveitei pouco, pois meu inglês era muito ruim. Matta aproveitou mais, pois teve um ano de estágio em Harvard. Roque foi estagiário em seguida, ainda que seu interesse estivesse nos Tupi e não nos Jê. Quando chegou minha vez de estagiar, tive de desistir, pois meu pai contraiu uma doença de caráter terminal.

Paralelamente os brasileiros continuaram trabalhando nas pesquisas relativas à fricção interétnica. Até Maybury-Lewis ensaiou algo nessa direção, encarregando o Roque de fazer um levantamento para ele entre os Xerente. Roque fez uma etapa de campo, elaborou um relatório, mas Maybury-Lewis não teve oportunidade de prosseguir.

Alcida Rita Ramos, em seu texto *Ethnology Brazilian Style (2009)*, considera que a publicação do livro *Dialectal Societies (1979)* foi um ponto de inflexão da etnologia brasileira para o surgimento e a consolidação de novas abordagens e temas de pesquisas com povos indígenas. Você, que contribuiu com um texto para essa publicação, poderia nos dizer qual sua visão sobre esse livro e sua importância para a etnologia praticada no Brasil.

De fato, foi um livro importante. Mas saiu um tanto atrasado. O meu capítulo no livro já estava divulgado desde 1973, em português, na *Série Antropologia 3* (Melatti 1973). O livro *Um Mundo Dividido*, do Matta, tinha saído em 1976. Nesse mesmo ano, Matta, Jon

Christopher Crocker e eu tivemos cada qual um artigo publicado no volume *Leituras de Etnologia Brasileira* (1976), de Egon Schaden. Pesquisadores que não faziam parte do Projeto Harvard Museu Nacional (como Roberto Cardoso gostava de chamá-lo), mas que tinham sido influenciados por ele, como Lux Vidal (com *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena*, de 1977) e Manuela Carneiro da Cunha (com *Os Mortos e os Outros*, de 1978), já tinham publicado seus livros. Mas *Dialectical Societies* trazia novidades para aqueles leitores do exterior que não liam português.

Consta que o atraso se deu por causa da insistência de Terence Turner em escrever, além do artigo referente aos Kaiapó, uma síntese etnográfico-teórica separada da conclusão do diretor do Projeto, David Maybury-Lewis. Ou seja, não somente as sociedades Jê e Bororo seriam dialéticas, mas também as relações entre seus antropólogos. Na última página de sua conclusão, Maybury Lewis explicita sua discordância.

Creio que não há como negar, como assegura Turner, que os sogros dominam os genros pelo controle do acesso a suas filhas. É também o que acontece em outras sociedades, como as da área guianesa. Mas, aqui, há uma diferença: na área da Guiana, além de segurar as filhas, os homens que desejam ascender socialmente também se esforçam por impedir que os filhos deixem a família extensa, tornando-a o centro de poder da comunidade, de qualquer modo sujeita à fragmentação com o envelhecimento e morte dos integrantes do núcleo dominante. Não é o que acontece com os povos Jê e os Bororo, entre os quais o rompimento da uxorilocalidade é bem mais difícil. A condução do rapazinho para a casa-dos-homens Kaiapó por um adulto, separando-o da mãe, mas, sobretudo, do pai, dificulta as possíveis intenções deste de crescer em prestígio e poder a partir da manipulação da composição familiar. A incorporação do jovem em uma das classes de idade Canela tem o mesmo efeito. Outras instituições Jê e Bororo, como metades rituais, amizade formalizada, privilégios clânicos, papéis cerimoniais associados a nomes pessoais, acabam por amarrar os grupos domésticos em torno do centro da aldeia.

Quanto à contribuição do livro, ou do projeto de que resultou, para a etnologia brasileira, foi apontar as vantagens de um estudo por comparação controlada de sociedades culturalmente assemelhadas. O projeto foi seguido por estudos comparativos de grupos caribes e pela retomada da pesquisa sobre grupos tupis com essa mesma orientação.

Você poderia nos dizer quais eram os campos teóricos que estavam em debate entre os pesquisadores que compunham o HBCP?

Para mim é difícil responder a essa pergunta. Dos participantes do Projeto, eu era o de formação mais modesta. Fizera o curso de especialização no Museu a que já me referi acima. Os outros eram alunos de pós-graduação em Harvard. Roberto DaMatta acabou indo também para lá, onde fez seu doutorado. Impressionavam-me aqueles esquemas de parentesco feitos por Lounsbury (1956) que levavam a terminologia de parentesco Crow/Omaha coerentemente até a beirada de uma sociedade sem dar lugar a nenhum termo de afinidade. O sistema tinha que quebrar em algum lugar. Onde? Os Krahô ofereciam-me exemplos de quebra, que me pareciam demasiado arbitrários. Faltou-me tomar genealogias de modo mais estratégico e observar mais o comportamento. Valorizei mais os termos abrangentes do que aqueles que mostravam pequenas diferenças, como, por exemplo, a distinção entre ãtxũ (pai) e ãtxũré (irmão do pai), o que me ajudaria a destacar os parentes cujos corpos se ligam entre si (tal como os Krahô o admitem) dos outros designados pelo mesmo termo geral ãtxũ. Matta fez escolhas melhores e teve mais sucesso. Por exemplo, no livro *Dialectical Societies*, o esquema do Matta na página 114 é preferível ao esquema de Maybury-Lewis na página 238, pois faz, justamente, essa distinção.

Considerando que o presente dossiê é sobre redes de relações no Brasil Central, como você percebeu as relações dos Krahô com os demais povos Timbira ou com outros povos?

De 1962 a 1971, período em que realizei seis etapas de pesquisa entre os Krahô, sua população cresceu um pouco, quase chegando a 600 pessoas. Tinham cinco aldeias circulares e mais uma pequena fileira de casas onde viviam alguns indígenas casados com sertanejos. Em uma aldeia, e mais nessa fileira de casas, na parte sul da terra indígena, viviam os Mankrare. Na parte norte, as outras aldeias eram daqueles que Nimuendajú (1946) denominou de Kenpokateyê. Este nome não me foi confirmado por eles. Mas uma parte deles, principalmente nas duas aldeias derivadas da antiga Pedra Branca, o maior segmento residencial descendia dos Apaniekrá. Nas outras duas aldeias, derivadas da antiga Pedra Furada, e que voltaram a se fundir numa só, chamada Cachoeira, havia uns poucos moradores da antiga aldeia do Maranhão, chamada Travessia ou Chinela, massacrada por fazendeiros em 1913. Nimuendajú chamava-os de Kenkateyê e dizia serem uma mistura de

Krahô e Apaniekrá. É interessante notar que Nimuendajú, no seu cuidadoso levantamento de referências históricas aos Timbiras, não diz nada da passagem de Spix e Martius pela cidade maranhense de Caxias, justamente quando ela estava sendo visitada por um grande grupo de índios Aponejicrans (Apaniekrá) e Krahô, dirigidos por um chefe dos primeiros. Seriam eles os ascendentes dos Kenkatyê? Na aldeia do sul, da Terra Indígena Krahô, havia um número significativo de homens e mulheres Xerente, casados com Mankrare, e seus filhos. O chefe da aldeia era Xerente. Os Xerente sabiam falar a língua timbira dos Krahô, mas não lhes tinham passado nenhuma contribuição cultural que me fosse perceptível. Já no caso das aldeias do norte, alguns ritos eram de contribuição dos Apaniekrá, como o *Pàrtêre*, realizado por Basílio, casado com uma Apaniekrá e frequentador da aldeia dela, a de Porquinhos. Maria Helena Barata, que realizou dissertação e tese na UnB, baseou ambas em trabalho de campo sobre as relações dos Krikati com o povo tupi Guajajara.

Em 1979 publiquei na *Revista de Atualidade Indígena*, nº 18 (pp. 17-28), da Funai, o artigo “Polos de articulação indígena”, em que sugeria a elaboração de mapas que ligassem locais habitados por indígenas com linhas de diferentes espessuras conforme a quantidade de tipos de laços que mantinham cada um com os outros. Entretanto, eu mesmo não aproveitei minha sugestão para fazer qualquer trabalho nesse sentido, dada a grande quantidade de informação que teria de buscar e elaborar⁴.

No debate (e no ensino) sobre a prática da etnografia no Brasil, um texto já considerado clássico é *O Ofício do Etnólogo ou como ter Ethnological Blues* (1978), de Roberto da Matta. Segundo o próprio autor, este texto foi inspirado em uma carta escrita por Jean Lave, e recebida por ele quando estava no trabalho de campo. Conte-nos como era o contato que vocês pesquisadores do Projeto mantinham durante suas pesquisas de campo. Havia mesmo o hábito de escreverem cartas uns para os outros?

No tempo em que fiz pesquisa com os Krahô, no norte de Goiás (ainda não existia o estado do Tocantins), era muito difícil comunicar-me com o Museu Nacional, onde eu era estagiário, ou com qualquer colega que estivesse fazendo pesquisa de campo em algum outro lugar. O posto indígena não tinha rádio. A “cidade” vizinha à terra indígena, Itacajá, não tinha correio e nem telefone. Agência de correio e campo de pouso de terra batida, onde desciam os aviões DC-3 da empresa aérea que servia à região (Real? Varig?

4 Para uma aplicação dessa ideia de fundamental de Melatti e ainda pouco explorada na etnologia brasileira ver Demarchi (2014, capítulo 2).

Não me lembro...), só em Pedro Afonso. Uma carta para chegar até lá, só de favor e em mãos estranhas. A mesma dificuldade para receber as respostas. Já não me lembro de ter trocado cartas ou bilhetes com o Matta, quando coincidia estar ele com os Apinajé. Talvez um bilhete trazido por um Krahô que passara por lá. Mantive com o Matta uma correspondência quando ele estava entre os Apinajés ou em Harvard e eu no Museu Nacional, a que fiz várias referências numa palestra.

Após suas pesquisas com os Krahô, você teve a experiência de pesquisar os Marubo. Poderia nos dizer em que medida suas pesquisas com os povos indígenas no Brasil Central contribuíram com as suas abordagens para pensar os Marubo?

Na verdade, foi uma má escolha. Poderia ter continuado com os Krahô, refinando mais minhas indagações com base no que já conhecia. Troquei a aldeia visível dos Krahô pelas camadas do universo Marubo acessíveis somente aos xamãs. Minhas técnicas de pesquisa eram as mesmas, com rendimento menor e o mesmo pecado de achar o seu idioma difícil. Os Krahô são mais expansivos, conversadores, dizem seus nomes sem qualquer problema. Os Marubos, mais reservados, apesar de muito amigos e cordiais, não dizem seus nomes, só os apelidos brasileiros e, sob insistência, os tecnonímicos. Muito mosquito, muita lama. Do que escrevi sobre eles, salvam-se dois artigos, um sobre sua estrutura social (1976) e outro sobre os Marubos que atuam entre os seus como patrões na ponta inferior da cadeia do sistema de aviação (1983).

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1968. *Urbanização e Tribalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1978. *Os mortos e os outros*. São Paulo: Hucitec.

DAMATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido: estrutura social dos índios Apinajé*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1978. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'anthropological blues'". In: E. O. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 23-35.

DEMARCHI, André. 2014. *Kukràdjà Nhipêjx \ Fazendo Cultura: Beleza, Ritual e Políticas da Visualidade entre os Mebêngôkre – Kayapó*. Tese de Doutorado. PPGSA, IFCS/UFRJ.

LOUNSBURY, Francis. 1956 "A Semantic Analysis of the Pawnee Kinship Usage". *Language*, 32: 158-94.

MAYBURY-LEWIS, David. 1979. *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge: Harvard University Press.

MELATTI, Julio Cezar. 1973. "O sistema de parentesco dos índios Krahó". *Série Antropologia*, 3. Brasília: DAN/UnB.

_____. 1976. "Estrutura social Marubo: um sistema australiano na Amazônia". *Anuário antropológico*, 76: 83-120.

_____. 1976. "Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo krahó". In: E. Schaden (org.), *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. pp. 139-148.

_____. 1978. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ática.

_____. 1979. "Polos de articulação indígena". *Revista de Atualidade Indígena*, 18: 17-28.

_____. 1983. "Os padrões Marubo". *Anuário Antropológico*, 83: 155-198.

_____. 2002. "Diálogos Jê: A pesquisa Krahô e o Projeto Harvard-Museu Nacional". *Mana*, 8(1): 181-193.

NIMUENDAJU, Curt. 1946. *The Eastern Timbira*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.

RAMOS, Alcida R. 2009. "Ethnology Brazilian Style". *Cultural Anthropology*, 5(4): 452-472.

SCHADEN, Egon (org.). 1976. *Leituras de Etnologia brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

VIDAL, Lux. 1977. *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira – os Kayapó-Xikrin do Rio Cateté*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo.

Recebido em: 25 de julho de 2019.

Aceito em: 25 de novembro de 2019.